



RELISE
**EMPREENDEDORISMO FEMININO NA PRODUÇÃO RURAL: UM ESTUDO
NO OESTE CATARINENSE¹**

Fabrcio Simplrcio Maia²

Jaqueline Jcssica Gielda³

Tatiane Silva Tavares Maia⁴

RESUMO

O presente estudo objetivou identificar se as aes das gestoras rurais apresentam caractersticas empreendedoras e quais so essas caractersticas. A pesquisa tem natureza qualitativa; caracterizada como exploratria, pela prtica da pesquisa bibliogrfica, da pesquisa de campo e de estudos multicascos. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada. As anlises foram realizadas por meio do mtodo da anlise de contedo. Participaram desse estudo seis mulheres que desenvolvem atividades produtivas no meio rural, que so proprietrias ou filhas de. Os resultados mostraram que os motivos que levam as mulheres a atuarem em atividades produtivas no meio rural muitas vezes esto relacionados com a continuidade de negcios familiares e com a busca de melhores condies de vida. Como obstculos enfrentados na atividade rural, foi mencionado principalmente, a falta de recursos e investimentos nessa rea. Verificou-se ainda, que as mulheres apresentam diversas caractersticas empreendedoras, dentre essas, algumas so mais frequentes como: desenvolvimento de habilidades e a busca de informaes, a persistncia e o estabelecimento de uma boa relao de contatos e o comprometimento.

Palavras-chave: mulheres, produo no meio rural, prticas empreendedoras.

ABSTRACT

The present study aimed to identify if the actions of rural managers have entrepreneurial characteristics and what these characteristics are. The research has a qualitative nature; characterized as exploratory, by the practice of

¹ Recebido em 16/08/2019.

² Universidade Federal da Fronteira Sul. fabricao.maia@uffs.edu.br

³ Universidade Federal da Fronteira Sul.

⁴ Universidade Federal da Fronteira Sul. tstavares@gmail.com

Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo, v. 4, Edio Especial: Facetas do Empreendedorismo, p. 186-231, set, 2019

ISSN: 2448-2889



RELISE

187

bibliographical research, field research and multicase studies. Data were collected through semi-structured interviews. Analyses were performed using the content analysis method. Participated in this study six women who develop productive activities in rural areas, who are owners or daughters of. The results showed that the reasons that lead women to work in productive activities in rural areas are often related to the continuity of family businesses and the search for better living conditions. As obstacles faced in rural activity, it was mentioned mainly the lack of resources and investments in this area. It was also found that women have several entrepreneurial characteristics, among them, some are more frequent such as: skills development and the search for information, persistence and the establishment of a good relationship and commitment.

Keywords: women, rural production, entrepreneurial practices.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país que emana força econômica de seu sistema agroindustrial. De acordo com a CNA Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (2016), o setor em 2015 teve sua participação no PIB estimada em 23%, além de representar 48% das exportações totais do País. Muito se fala na importância da agricultura como um instrumento para superar a crise atual e diminuir o desemprego, e é crescente o número de pessoas que encontram neste setor uma oportunidade para a sua vida.

No estado de Santa Catarina, a importância desse setor é observada tanto no comércio nacional, como no comércio internacional, mesmo o estado possuindo uma pequena área territorial. De acordo com a FEPESE (2016), a região Oeste é a principal região agrícola do estado, com predominância da pequena propriedade, onde 50% da produção agropecuária estão praticamente concentrados, tendo destaque na produção animal e na lavoura temporária. Dentre os principais produtos comercializados, estão aves, suínos, maçã, milho e soja.

De acordo com o Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil (2005), o empreendedorismo também é existente no ambiente agrário,



RELISE

mesmo com o pensamento equivocado de que a economia rural se limita à agropecuária e, ao agronegócio na melhor das hipóteses. Devido a sua importante relação com o desenvolvimento regional, o tema empreendedorismo vem ocasionando maior interesse por parte dos estudiosos nos últimos anos. Governos, instituições de ensino e afins, se unem com o objetivo de conhecer e desenvolver o comportamento empreendedor, investindo esforços e recursos financeiros.

Souza (2005) destaca que, em grande parte dessas discussões, há uma concordância com a afirmação de que o perfil dos empreendedores atualmente é interpretado como o líder que se direciona estrategicamente, em não mais controlar, e sim em desenvolver competências pessoais e profissionais de cada integrante da organização. Ainda de acordo com o autor, existe uma grande dificuldade em identificar, quais características o empreendedor possui, quais valores são necessários mudar e como desenvolver as habilidades empreendedoras necessárias para o desenvolvimento das entidades (MACHADO, 2002).

Compreender o lado empreendedor seria o mesmo que compreender que a riqueza de uma nação é medida pela sua capacidade de produzir, em quantidades suficientes, os bens e serviços que são necessários ao bem-estar da população (CATARINA; BASTIANI, 2001). Nesse sentido, Lopes e Nantes (2006) destacam a importância do empreendedorismo no setor rural, devido às oportunidades que o agronegócio vem oferecendo.

O setor agropecuário por muito tempo foi um ramo de atividade dominado exclusivamente pelos homens. No entanto, é possível identificar o aumento do número de mulheres que atuam nessa área, tanto como trabalhadoras, como proprietárias e mais recentemente como empreendedoras. Na atualidade, tornou-se muito evidente que o empreendedorismo feminino é um veículo de desenvolvimento econômico e social (HECHAVARRIA, et al,



RELISE

2019). Considerando o meio rural, constata-se que a mulher possui um papel importante, tanto na família, como na sociedade, visto que contribui com o desenvolvimento econômico e, sobretudo, o desenvolvimento local.

Desta forma, o presente estudo busca investigar se as gestoras rurais apresentam características empreendedoras e quais são essas características. Neste sentido propõe-se a seguinte questão de pesquisa: Como caracterizar as ações das empresárias rurais – gestoras ou empreendedoras?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nessa seção é contextualizado o marco teórico utilizado para o desenvolvimento do artigo: a participação da mulher no trabalho e na atividade agrícola, características empreendedoras e a mulher empreendedora no meio rural.

A participação da mulher no trabalho e na atividade agrícola

A contribuição da mulher no trabalho, segundo Rosa e Manfri (2015), é verificada desde os primórdios no auxílio aos homens. Porém, com a revolução industrial, a sua participação no mercado, se tornou mais ativa. Foi durante as guerras mundiais que surgiram os primeiros movimentos feministas que exigiam igualdade no trabalho. Já no Brasil, na década de 80, as mulheres ganharam força em movimentos sindicais.

Sousa Junior e Benevenuto (2017, p. 3) destacam que:

O trabalho feminino gerador de renda, dentro ou fora do lar, tem sido concebido, em muitos casos, como complementação do orçamento doméstico, mesmo em situações em que a mulher é provedora da família, situação geralmente concebida como temporária. Apesar dessa realidade, o trabalho feminino se concebe socialmente com o estudo de subalterno, inferior ao do homem, limitado a postos subordinados.



RELISE

Já Sousa Junior e Benevenuto (2017, pág. 4) defendem que “graças ao trabalho, a mulher diminui a distância que a separa do homem; só o trabalho pode garantir uma liberdade concreta.” Com as expansões comercial, financeira, empresarial e governamental, e com o desenvolvimento da tecnologia, diversos cargos de escritório de bom nível, foram oportunizados para as mulheres com estudo, pertencentes à classe média ou classe baixa ascendente (MARTINS et al., 2010).

No mercado de trabalho, a inserção da mulher pode ser vista como uma demonstração de sua capacidade diante das diversas atividades rotineiras com vistas à remuneração. Atualmente, as mulheres estão cada vez mais presentes nos ambientes remunerados, ao contrário do que era visto em períodos anteriores, onde eram poucas as possibilidades a serem desenvolvidas e desempenhadas pelas mulheres (LANGBECKER; PERLEBERG, 2014).

Para Marcone (2009, p. 30), “a equidade entre homem e mulher é tanto uma questão de direitos humanos quanto uma pré-condição para um desenvolvimento social, econômico, sustentável e centrado nas pessoas.” Nas relações de trabalho, essa equidade é fundamental, visto que promove a igualdade de tratamentos e oportunidades entre ambos os gêneros,

Na atividade agropecuária, a prática agrícola pertence à tradição familiar de vivência, onde os pais ensinam aos filhos suas atividades diárias, modos de produção, modo de vida, tradições e valores diante da sociedade. Com relação à tradição de privilegiar os descendentes masculinos quanto à herança da propriedade rural Catarina e Bastiani, consideram:

Os agentes, que fazem da agricultura a sua principal atividade econômica, não escolheram ser produtores rurais. Em geral essa escolha dá-se mais por um processo de legar, transcendendo de gerações em gerações, muitas vezes privilegiando o(s) descendente(s) do sexo masculino, e tem uma forte vinculação ao que denominamos de afetividade em relação à terra. Este processo pode ser resumido da seguinte maneira: Os produtores rurais de



RELISE

191

ontem eram os avós, os de hoje, os pais e os de amanhã, com uma grande probabilidade, serão os filhos, notadamente os do sexo masculino, ao se manter o atual *status quo* no conjunto dos privilégios sucessórios encontrados no meio rural brasileiro (CATARINA; BASTIANI, 2001, p. 395-396).

A mulher trabalha na agricultura há bastante tempo, porém sua identidade é definida basicamente pelas atividades domésticas que não são consideradas como trabalho, o que resulta na invisibilidade do trabalho feminino e no não reconhecimento da trabalhadora rural. Fato esse que pode dificultar o acesso aos direitos previstos por lei, e as políticas de desenvolvimento (GALIZONI; RIBEIRO, 2004).

Essa invisibilidade pode ser percebida nos dados sobre a jornada de trabalho das mulheres no meio rural, que é metade em comparação a jornada masculina (BUTTO; DANTAS, HORA, 2012). A partir disso, percebe-se que há uma dificuldade de reconhecer a jornada de trabalho feminina, já que suas atividades de produção de alimentos, tanto para consumo como para o mercado, misturam-se com as atividades domésticas.

Nota-se que, muitas vezes, as atividades produtivas desempenhadas no roçado pelas mulheres são julgadas apenas como ajuda ao trabalho do homem (HEREDIA; CINTRÃO, 2006). Nesse sentido, Galizoni e Ribeiro (2004) destacam que os afazeres relacionados ao plantar desempenhados pelas mulheres no roçado, são considerados trabalho se comparados com as suas atividades domésticas, no entanto plantar não é considerado trabalho se comparado com as atividades masculinas no roçado. No entanto, Herrera (2013) pondera tal situação esclarecendo que se no meio rural as mulheres tivessem as mesmas oportunidades que os homens, o seu trabalho resultaria em um crescimento econômico significativo, principalmente nos países em desenvolvimento, onde a força de trabalho rural feminina é a mais representativa.



RELISE

192

De acordo com a pesquisa Perfil da Mulher no Agronegócio Brasileiro (2016), a participação feminina na segurança alimentar e nutricional das famílias sempre foi importante. Ainda assim, mesmo que a mulher participe historicamente do desenvolvimento agrícola, sua presença no setor permaneceu discreta por muito tempo. Dados do IBGE (2006) apontam que as mulheres representavam 30,5% do pessoal ocupado em atividades agropecuárias, e os homens 69,5%. IBGE (2010) levantou outro dado, mostrando que as mulheres rurais contribuem com 42,4% do rendimento familiar. Isso mostra a evolução da participação da mulher no mercado de trabalho.

Nesse sentido, programas governamentais voltados às mulheres rurais, buscam alternativas que apoiem a permanência feminina no campo, a independência financeira delas, e a redução da invisibilidade do trabalho feminino no meio rural (PIZAIA; OLIVEIRA, MOURA, 2015). Com relação a esses programas, podem ser citados o Programa de Organização Produtiva de Mulheres Rurais (POPMR) e o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF Mulher.

O acesso por parte das mulheres nas políticas públicas permite uma melhoria na vida dessas pessoas, por meio da valorização das contribuições para a sociedade, colaborando com a superação de valores e preconceitos ainda existentes, que impedem a sua plena realização como cidadãs. É importante que o desenho de políticas públicas considere essas questões, caso realmente queiram fazer das políticas de cidadania um importante passo da luta pela emancipação humana de homens e mulheres (BUTTO; DANTAS, HORA, 2012).

Pizaia, Oliveira e Moura (2015) mencionam que em determinada pesquisa realizada com mulheres rurais, que trabalhavam juntas em uma associação na fabricação e comercialização de bolachas, geleias e outros para



RELISE

garantir uma renda extra, uma das entrevistadas relatou que muitas das mulheres que haviam iniciado na associação haviam desistido, pois alguns dos maridos não queriam que suas esposas trabalhassem o dia todo fora de casa.

Mulheres empreendedoras e o meio rural

Considerando o sentido do que é ser empreendedor, pode-se constatar que vai além do conhecimento abundante (DOLABELA, 2008). Existem outros elementos indispensáveis, como a assimilação de valores, atitudes, comportamentos, modos de percepção do mundo e de si mesmo, direcionado a atividades onde exista risco, capacidade de inovar, persistir e conviver com a incerteza.

Um quadro comparativo sobre o tema foi elaborado por Oliveira, Silva e Araújo (2014). Nele, os autores destacam as características intrínsecas ao empreendedor de sucesso, apontadas por alguns dos autores mais relevantes da área.

Dornelas (2005) alega que, há alguns anos existia um mito de que o empreendedor era inato, já nascia com um diferencial e já estava destinado a ter êxito nos negócios. Eram desencorajados a empreender, os indivíduos que não possuíam essas características. Empreendedores inatos existem, porém, acredita-se que nos dias de hoje, o processo empreendedor pode ser instruído e assimilado por qualquer pessoa. Ainda para o autor, o sucesso é resultado do perfil do empreendedor, e das formas de enfrentar as adversidades presentes no cotidiano, além de fatores internos e externos ao negócio. Segundo Bernhoeft (1996), há indivíduos que desde muito cedo apresentam características empreendedoras. Primeiramente elas se desenvolvem no contexto familiar, depois na escola ou comunidade por meio de uma liderança que envolve e motiva os demais.



RELISE

Quadro 1 - Síntese das Características dos Empreendedoras de Sucesso.

Fatores de Sucesso	MCLELLAND (1962)	SHAPERO (1975)	TIMMONS (1978)	HORNADAY (1982)	MEREDITH (1982)	SANTOS (1995)	LONGEN (1997)	DOLABELA (1999)	DEGEN (2000)	GARCIA (2000)	ROBBINS (2000)	DORNELAS (2001)	BERNARDI (2003)	SEBRAE/SC (2009)	HISRICH E PETERS (2009)	TOTAL
	1 Desenvolver habilidades/buscar informações	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2 Conhecer muito bem o ramo de atuação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4
3 Ser agressivo, corajoso	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5
4 Ter persistência	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11
5 Buscar, aproveitar oportunidades	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7
6 Correr riscos calculados, gerenciar riscos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13
7 Criatividade	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10
8 Ser inovador	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13
9 Ser independente	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12
10 Necessidade de realização	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13
11 Ter habilidade para relações interpessoais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7
12 Liderança, saber lidar com pessoas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9
13 Autocrítica, capacidade de aprendizagem	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6
14 Estabelecer uma boa relação de contatos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10
15 Originalidade, ter iniciativa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9
16 Ter autoconfiança, ser otimista	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14
17 Ser comprometido	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11
18 Ter valor para a sociedade	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3
19 Exigente quanto à qualidade e eficiência	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4
20 Habilidade para negociação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6
21 Ser muito paciente	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
22 Ser polivalente	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4
23 Orientação para resultado (metas e objetivos)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11
24 Planejar e monitorar sistematicamente	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11
25 Envolvimento em longo prazo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5
26 Ter flexibilidade	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5
27 Administrar o tempo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3
28 Obter e organizar os recursos necessários	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
29 Comportamento ético	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1

Fonte: Oliveira; Silva, Araujo, 2014.

Atualmente a carreira feminina passa por mudanças nos seus direcionamentos, primeiramente resultante da luta pela independência da mulher, seguida pelo nível de formação desta que proporciona maior liberdade econômica e social (CARREIRA, 2015). Para Sousa et al. (2016, p. 2),

a capacidade de construir e gerenciar riqueza não é mais meritocracia tipicamente masculina, as mulheres com uma visão sistêmica e um *feeling* altamente instintivo, vem atuando nos mais diversos segmentos do mercado, ocupando cargos estratégicos e adquirindo respeito entre seus pares.



RELISE

Assim, Gomes (2004, p. 216) afirma que “o novo modelo de gestão das organizações modernas parece exigir um perfil de profissional mais flexível, sensível e cooperativo”, características encontradas com maior facilidade em pessoas do sexo feminino. Franco (2014) destaca que, o estilo gerencial utilizado pelas mulheres na gestão de seus negócios contribui para um grau de sobrevivência significativo desses empreendimentos. Para Martins et al. (2010), a intuição é um grande diferencial nas pequenas empresas gerenciadas por mulheres.

Já na visão de Borges, Barroso e Moreira (2012), as mulheres gestoras buscam eficiência em tudo que fazem, além de possuírem coragem para enfrentarem seus receios. Para conciliarem sua função de empreendedora com a vida familiar, elas buscam ajustar seu tempo da melhor forma possível.

Cabe destacar que de acordo com o IBGE (2012), a razão do rendimento médio real habitual das mulheres em relação ao dos homens por grupos de anos de estudo no ano de 2011, era de 68,4% em mulheres sem instrução ou com um ano de estudo, e 69,2% com 11 anos ou mais de estudo. Isso quer dizer que, mesmo que as mulheres venham conquistando seu espaço de forma eficaz, ainda é perceptível uma desigualdade entre os gêneros, já que as mulheres ainda são associadas a papéis tradicionais.

Nesse contexto, o empreendedorismo surge como uma possibilidade de libertação do emprego tradicional, oportunizando a criação e a execução de projetos que possam auxiliar no progresso da carreira feminina, ao mesmo tempo em que equilibra as demandas de trabalho em conformidade com os interesses familiares (SOUSA et al., 2016). Da mesma forma, para Strobino e Teixeira (2014, p. 59), a flexibilidade de horários é um dos motivos que leva as mulheres a empreender, pois sendo dona do próprio negócio, ela acredita que poderá conciliar trabalho e família. Strobino e Teixeira (2014, p. 61) ainda, salientam o fato de muitas empreendedoras “pertencerem à família de



RELISE

empreendedores, o que as direciona automaticamente ao empreendedorismo, como se fosse uma predisposição genética”.

O aumento das práticas empreendedoras está cada vez mais consolidado pelo equilíbrio de gênero. A elevada taxa de inserção no mundo dos negócios vem sendo creditada às mulheres (SOUSA et al., 2016) que possuem um papel ativo na sociedade cada vez maior, atuando na geração de emprego e renda. Apesar disso, Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014) apontam que o processo empreendedor já é dotado naturalmente de obstáculos, e em função da sua construção histórica, a mulher enfrenta ainda mais dificuldades, quando empreende.

Como barreiras encontradas pelas empreendedoras destacam-se: “ausência de modelos de empreendedoras, dificuldades de obter confiança de clientes e fornecedores, falta de treinamento adequado, falta de relatos de experiências que possam servir como parâmetros” (BARBOSA et al., 2011, p. 127).

Mesmo assim as mulheres estão buscando cada vez mais por especializações que auxiliem no gerenciamento dos seus negócios. Elas também possuem características que podem fazer a diferença quando a organização busca resultados satisfatórios, e por isso são vistas muitas vezes como modelos de gestão (BORGES; BARROSO, MORREIRA, 2012).

Para Rosa e Manfri (2015), a chave do empreendedorismo na atualidade, é a habilidade que as mulheres possuem de aproximar a vida pessoal com a profissional. Segundo as autoras, as mulheres são mais sensíveis, comprometidas e empáticas, características essas derivadas do instinto materno. Souza (2005, p. 94) defende que a mulher empreendedora possui “capacidade de descobrir e avaliar oportunidades nos negócios, de reunir os recursos necessários para aproveitá-los e de trabalhar de forma apropriada para conseguir êxito”. Ainda assim, apresentar características



RELISE

importantes para o desempenho do papel de empreendedora, não é suficiente. É fundamental também possuir uma estrutura familiar e pessoal que colabore com o sucesso das atividades.

“Compreender o lado empreendedor é entender que a riqueza de uma nação é medida pela sua capacidade de produzir, em quantidades suficientes, os bens e serviços que são necessários ao bem-estar da população” (CATARINA; BASTIANI, 2001). E é por meio dos empreendimentos agropecuários, que bens essenciais como os alimentos, são produzidos. Lopes e Nantes (2006) destacam a importância do empreendedorismo no setor rural, devido às oportunidades que o agronegócio vem oferecendo.

Ainda que a força de trabalho feminina esteja presente em cerca de 80% das propriedades rurais, a participação das mulheres nas atividades de comercialização e gestão ainda é baixa (DALCIN, OLIVEIRA, TROIAN, 2010). Grande parte delas se dedicam principalmente as atividades domésticas ou de subsistência (SPANVELLO; MATTE, BOSCARDIN, 2016, p.397).

Nesse sentido, por meio da criação de movimentos sociais, as mulheres com o passar dos anos foram conquistando cada vez mais seu lugar no meio rural. O Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais reivindicava questões como, o reconhecimento da profissão de agricultora (para acabar com a invisibilidade do trabalho feminino das propriedades), aposentadoria, salário maternidade, direito a sindicalização, dentre outros (SPANVELLO; MATTE, BOSCARDIN, 2016, p.398).

Esses movimentos na década de 80 e 90 foram propulsores do acesso das trabalhadoras rurais às linhas de crédito (HEREDIA; CINTRÃO, 2006). No entanto, Spanevello, Matte e Boscardin (2016) concluíram que com relação ao acesso a crédito, as mulheres possuem pouca experiência, principalmente pelo fato do controle sobre financiamentos e investimentos ser predominantemente



RELISE

masculino e também pela supressão feminina no gerenciamento da propriedade rural.

Tradicionalmente, os processos sociais e culturais que marcaram, e em alguma medida ainda marcam, o meio rural brasileiro atribuem papéis distintos aos homens e às mulheres. Por muito tempo, as mulheres foram vinculadas a uma posição secundária ou subordinada ao papel dos homens nas propriedades rurais. Neste cenário, as mulheres são normalmente vistas como ajudantes dos maridos ou dos pais nas atividades agropecuárias ou geradoras de renda, mas fundamentais nas atividades reprodutivas ou nas atividades domésticas de manutenção da família (SPANVELLO; MATTE, BOSCARDIN, 2016, p.394).

Segundo a FAO (2010), ainda que as mulheres contribuam significativamente com o desenvolvimento econômico e agrícola, o acesso a serviços e recursos em muitos países, ainda é bem menor que o acesso dos homens. Raramente as mulheres são proprietárias das terras utilizadas, e inúmeras vezes são impedidas legalmente de obter a posse delas. E por não possuírem bens em seus nomes, são impedidas diversas vezes de adquirirem crédito para utilizarem em investimentos nas propriedades.

Ainda predominam nas propriedades, a direção e a tomada de decisões exclusivamente masculinas, “tendendo às mulheres a alguma autonomia quando determinada atividade produtiva não é central na geração de renda da propriedade.” (SPANVELLO; MATTE, BOSCARDIN, 2016, p.395).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa seção descreve os procedimentos metodológicos para definição da classificação da pesquisa executada, a população, a técnica para coleta e análise dos dados.



RELISE

Classificação da pesquisa

No presente trabalho, a abordagem se caracteriza como qualitativa. A classificação da pesquisa se embasa na tipologia proposta por Vergara (2013), que a qualifica em relação a dois aspectos, quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins, a pesquisa será exploratória, pois existe pouco conhecimento acumulado e estruturado, no campo de estudo investigado (VERGARA, 2013).

Com relação aos meios de investigação, a pesquisa caracteriza-se como pesquisa de campo e estudo multicase. Definida como pesquisa de campo, onde o objeto/fonte é abordado em seu próprio ambiente – as entrevistas foram realizadas no ambiente que ocorrem as feiras agroecológicas. Estudo multicase em função de que cada entrevistada foi considerada um caso individual – respeitando o fato de que possuem negócios individuais – num mesmo espaço físico.

População de pesquisa

A população foi é caracterizado por mulheres que desenvolvem atividades produtivas em empreendimentos rurais do município de Chapecó – SC. De acordo com o Censo Agropecuário 2006, Chapecó possuía 2.437 pessoas do sexo feminino ocupando estabelecimentos agropecuários, desses, 158 estabelecimentos apresentavam mulheres como proprietárias, totalizando uma área de 1.795 hectares. De acordo com IBGE (2006), estabelecimento agropecuário caracteriza-se como todo terreno de área contínua, de qualquer tamanho, onde se processa uma exploração agropecuária, ou seja, o cultivo do solo com culturas permanentes e temporárias, inclusive hortaliças e flores, a criação, recriação ou engorda de animais de grande e médio porte, a criação de pequenos animais, a silvicultura ou o reflorestamento, e a extração de produtos vegetais.



RELISE

200

De acordo com a Secretaria de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente (SEDEMA) de Chapecó, são 10 locais onde ocorrem as feiras, distribuídos nos bairros do município. Nessas feiras, produtos coloniais e agroecológicos são comercializados diretamente ao consumidor. Para estabelecer uma primeira comunicação com essas mulheres, os pesquisadores procuraram auxílio da EPAGRI (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural), que por meio de uma das agrônomas, forneceu o contato de telefone de algumas dessas feirantes.

Com o intuito de preservar o sigilo quanto à identificação das entrevistadas, elas foram associadas a números de 1 a 6, sendo a número 1 a participante com maior idade, e a número 6 a participante mais nova.

Técnica de coleta de dados

Os dados foram coletados por meio da entrevista semiestruturada. Dessa forma, foram realizadas seis entrevistas com mulheres. O roteiro foi estruturado em 2 blocos de perguntas, sendo o primeiro para identificação do perfil socioeconômico da gestora e atividades desenvolvidas na propriedade, e o segundo para identificar o que motivou as mulheres a exercer as atividades produtivas correspondentes.

Num primeiro momento os pesquisadores fizeram contato, por meio de telefone, para agendar as entrevistas. Três delas foram realizadas nas próprias residências das entrevistadas, em localidades no interior do município. Com as demais os pesquisadores conseguiram conversar no ponto da feira do Centro da cidade onde comercializam seus produtos. As entrevistas tiveram duração entre 30 a 40 minutos.



RELISE

201

Análise dos dados

Para analisar as características empreendedoras das mulheres rurais, relacionou-se a fundamentação teórica e o Quadro 1 - Síntese das Características dos Empreendedores de Sucesso comuns a 15 autores. A análise deles foi norteadada pelo método da análise de conteúdo, assim como o restante da entrevista.

De acordo com Appolinário (2011, p. 161), a análise de conteúdo tem como propósito a interpretação de materiais textuais, que no caso do presente estudo, é a análise da transcrição das entrevistas. “Para que essa interpretação seja feita, entretanto, é necessário conduzir um processo de redução do material original, até o ponto em que as categorias estejam claramente visíveis.”

RESULTADOS DA PESQUISA

Essa seção apresenta os resultados obtidos por meio da entrevista, bem como as análises referentes.

Perfil das entrevistadas e dos empreendimentos rurais

Desse modo, a amostra do presente estudo é composta por mulheres que participam das Feiras de Comercialização de Produtos Coloniais em Chapecó, proprietárias ou filhas de proprietários, que possuem idades entre 30 e 65 anos, estado civil o de casada ou solteira, sem filhos ou com até 3 filhos, com renda mensal de até 3,5 salários mínimos e que apresentam como nível de escolaridade desde o Ensino Fundamental Completo, até o Ensino Médio completo com Curso Técnico.

A atividade rural se diferencia das demais atividades econômicas, em função da natureza da produção, e das relações e interdependências entre



RELISE

202

fornecedores, compradores e os próprios produtores, no cenário do agronegócio (ARNOLD, 2011, p. 29).

Nas feiras, a organização dos empreendimentos rurais proporciona à população, o acesso a alimentos de qualidade e saudáveis, assegurando sua segurança alimentar ao mesmo tempo em que fortalece a economia local, beneficiando também, os próprios agricultores. Dessa forma, o propósito da questão 7 foi identificar o tempo do negócio, para compreender se eles já são bem-sucedidos, ou se ainda estão em seu estágio inicial. A entrevistada 1 possui 40 anos de tempo de negócio, a entrevistada 2 possui 19 anos, as entrevistadas 3 e 6 possuem 16 anos enquanto as entrevistadas 4 e 5 possuem 20 anos de tempo de negócio.

Outra questão levantada na entrevista foi à origem dos recursos utilizados para iniciar o negócio. Neste ponto, verifica-se que apenas no negócio onde a entrevistada 6 atua, foi necessário a solicitação de financiamentos, em função de ser uma pequena agroindústria e demandar mais investimentos em relação a máquinas e equipamentos. As demais entrevistadas mencionam que os recursos utilizados eram próprios, sendo estes adquiridos por meio da venda de animais, e lucros oriundos de outras atividades.

Quanto às atividades produtivas desenvolvidas nas propriedades, as mesmas são bastante variadas e apenas uma das atividades se repete entre as entrevistadas. A produção dos itens é realizada na propriedade rural, enquanto sua comercialização acontece principalmente nas feiras da cidade, e com menos frequência na própria residência (Quadro 2).

É importante destacar que além das atividades principais, são desenvolvidas nas propriedades, porém com pouca relevância, a agricultura de subsistência, pecuária de corte, avicultura, suinocultura e piscicultura. O que



RELISE

demonstra que o homem do campo continua produzindo o seu próprio alimento, comprando apenas aquilo que não consegue produzir.

Quadro 2 – Atividades produtivas

Entrevistada	Atividade Produtiva
1	Produção, manipulação e comercialização de plantas medicinais
2	Produção e comercialização de ovos e queijos
3	Produção e comercialização de panificados diversos
4	Produção, industrialização e comercialização de verduras, frutas e legumes
5	Produção e comercialização de panificados diversos
6	Produção e comercialização de embutidos de suíno

Fonte: Elaborado pelos autores.

Já com relação às atividades produtivas anteriores ao negócio atual e que serviam como fonte de renda das mulheres, as Entrevistadas 1, 4 e 6 citam a integração com grandes frigoríficos da época, além da agricultura. A Entrevistada 2 antes de comprar a propriedade que hoje lhe pertence, arrendava terra juntamente com o marido e plantavam soja, milho e feijão, da mesma forma a Entrevistada 5 que teve a família sempre trabalhando na agricultura antes de iniciar com os panificados. Por outro lado, a Entrevistada 3 trabalhava na mesma atividade que exerce hoje, porém como funcionária de uma antiga feirante que hoje não participa mais das feiras.

Questionadas sobre as suas atividades desenvolvidas na propriedade, todas as entrevistadas se envolvem completamente, desde a produção, até a venda e o gerenciamento do negócio. Isso mostra o quanto as mulheres rurais de atualmente estão avançadas, com relação às mulheres de tempos passados, pois como cita uma das entrevistadas que não sabia nem fazer o troco quando iniciou a venda nas feiras, quem cuidava da parte financeira era sempre o marido.

A participação conjunta da família ainda pode ser observada nas propriedades rurais dos dias de hoje. A Entrevistada 1 menciona que todos a ajudam e sempre ajudaram muito, porém ela destaca a participação da filha



RELISE

204

que é formada em Biologia, e certamente dará continuidade ao negócio, e a participação da neta. A Entrevistada 2 cita o auxílio do marido na produção dos ovos, e de uma das filhas que saiu da cidade para vir morar na propriedade e ajudá-la. A Entrevistada 3 recebe ajuda apenas de uma das duas filhas, já as Entrevistadas 4 e 6 possuem toda a família envolvida no negócio. No caso da Entrevistada 5, ela e os pais ainda dão andamento no negócio.

Fatores que levaram as mulheres a exercerem as atividades produtivas

Por meio da entrevista realizada com as mulheres foi possível entender os motivos que levaram as mesmas a exercerem as atividades produtivas já apresentadas no quadro 2.

A Entrevistada 1 “traz de berço”, como ela mesmo diz, a prática da utilização de plantas medicinais. Seus pais, tios e avós também produziam as plantas, pois naquela época segundo a Entrevistada, eram os remédios que tinham. Depois de adulta a mesma se profissionalizou nessa área, fazendo diversos cursos no campo da homeopatia e fitoterapia. Segundo ela, era necessário também estudar a parte científica das plantas, já que o conhecimento popular ela já possuía.

Por conta desse amplo conhecimento que a Entrevistada possui desde muito nova, ela criou uma associação, onde compartilha com outras mulheres vindas de vários lugares, informações sobre a utilização das plantas medicinais e conhecimentos sobre alimentação orgânica e natural. Além de coordenar a associação, a Entrevistada também ministra cursos e palestras na área, além de receber em sua propriedade, alunos universitários, professores, e profissionais da saúde, interessados em sua sabedoria. Pode-se dizer então que a mesma iniciou a atividade em função da influência da família, pois os mesmos também produziam plantas medicinais, e conforme evidência, ela gosta e sempre gostou de “mexer” com as plantas, além de ela possuir a



RELISE

205

vontade de desenvolver algo que traga benefícios, tanto para ela, como para a sociedade.

Quando a pessoa não recebe o conhecimento de berço, ela mesma pode correr atrás desse conhecimento, foi o caso da Entrevistada 2. A mesma sempre sonhou em fazer algum curso, pois pensava que com o tempo a família precisaria de outra atividade para tirar o seu sustento, já que possuíam uma área de terra muito pequena. Através de conversas com uma funcionária da EPAGRI, ela conseguiu que a entidade promovesse um curso gratuito de panificados para as mulheres da Comunidade.

Após a qualificação, surgiu a ideia de montar um negócio na área, onde ela teve dificuldade de encontrar uma sócia. Quando conseguiu, a entrevistada tinha que se deslocar até uma distância considerável até o local onde elas produziam os panificados, além de toda semana participar das feiras na cidade. Porém com o tempo foi ficando cansativo para ela, e foi aí que ela resolveu abrir um outro negócio na mesma área, agora com sua cunhada. Junto com esse negócio, surgiu também a ideia da produção de ovos, já que a quantidade utilizada na produção dos panificados era muito grande.

Segundo Hisrich, Peters e Shepherd (2009), essa experiência anterior que a Entrevistada 2 teve, oportuniza os empreendedores a conhecerem a administração de uma empresa independente. Os autores também destacam que, para a maioria dos empreendedores, o empreendimento mais significativo não foi o primeiro.

A Entrevistada 3 já possuía experiência na área antes de começar o seu negócio. Ela trabalhava com outra feirante, com quem aprendeu muitas coisas. Depois de obter um bom aprendizado a mesma resolveu iniciar o seu próprio negócio, devido à vontade que tinha, vendendo de casa em casa, nas lojas e na prefeitura, para que as pessoas conhecessem o seu trabalho. Com os contatos que teve por meio das vendas na prefeitura, surgiu a oportunidade



RELISE

206

de participar da feira do bairro onde mora, e hoje participa também da feira do Centro, que é considerada a maior feira de produtos agropecuários da cidade. Para Hisrich, Peters e Shepherd (2009), ao decidir iniciar um negócio, é importante que o indivíduo possua uma experiência técnica anterior, mesmo que outros fatores motivem o mesmo a começar esse novo empreendimento.

Em função de uma crise econômica, a Entrevistada 4 juntamente com sua família decidiram mudar de atividade, que até então era voltada para a avicultura e produção de grãos, partindo então para a Olericultura. Ela descreveu que no começo teve muito receio, já que se tratava de um ramo de atividade novo, e por isso não tinham noção dos problemas e dificuldades. Hoje são produzidos na propriedade frutas, verduras e legumes, além da comercialização de suco natural de laranja realizada nas feiras agroecológicas do município.

Os pais da Entrevistada 5 resolveram iniciar o negócio com o propósito de melhorar as condições da família, que segundo o seu relato eram bastante difíceis. O pai sempre trabalhou na agricultura, e a mãe trabalhava em uma padaria no centro da cidade e ajudava na agricultura também. Segundo a entrevistada, na época, a família também trabalhava com a pecuária de Leite, porém como eles tinham poucos animais, não tinham como competir com grandes criadores. Foi aí que a mãe da Entrevistada resolveu abrir um negócio junto com a sua cunhada, a Entrevistada 2, que mais tarde acabou partindo para outra atividade, deixando o negócio para os pais da Entrevistada 5. Hoje eles ainda se dedicam ao negócio, mas não tanto quanto a Entrevistada, que trabalha na produção, na feira e no gerenciamento do negócio.

Do mesmo modo, foi o pai da Entrevistada 6 que deu início no negócio. Hoje ele não se envolve mais com ele, apenas em algumas questões financeiras. Quem gerencia a pequena agroindústria no momento é a própria Entrevistada, que possui um Curso Técnico em Administração em função



RELISE

207

disso. Ela relata que o pai tinha o sonho de que ela e os três irmãos permanecessem trabalhando junto com ele na propriedade. Porém com as atividades desenvolvidas até então (agricultura, suinocultura e avicultura) não seria possível todos continuarem vivendo juntos.

Como eles já trabalhavam com a suinocultura, e plantavam o milho que serve como alimento para os suínos, foi decidido então montar uma pequena fábrica de embutidos de suíno, já que eles mesmos produziam a matéria prima que seria utilizada, hoje, porém, toda a matéria prima é comprada. Outros vizinhos também trabalhavam nessa atividade, inclusive há outra agroindústria de porte maior localizada próximo à propriedade da família, e como eles viram que havia bastante procura nos produtos, foi um fator que também influenciou na escolha da atividade.

Características empreendedoras observadas

Para Bernhoeft (1996), há indivíduos que desde muito cedo apresentam características empreendedoras. Primeiramente elas se desenvolvem no contexto familiar, depois na escola ou comunidade por meio de uma liderança que envolve e motiva os demais. O quadro 1 mostra as características intrínsecas ao empreendedor de Sucesso, apontadas por alguns dos autores mais relevantes da área. Os depoimentos das entrevistadas foram relacionados com esse quadro, buscando identificar as características empreendedoras presentes no comportamento das mulheres.

Quanto ao fator Desenvolver Habilidades/buscar informações, Oliveira, Silva e Araújo (2014) destacam que se trata da busca de todas as informações possíveis acerca do ambiente estabelecido, além da procura por ajuda de especialistas na área técnica ou comercial. Para Dornelas (2005), os empreendedores reconhecem a importância do domínio sobre determinado setor de negócio, na busca pelo sucesso, por isso desejam saber e aprender



RELISE

208

constantemente, por meio de cursos, experiência prática, informações disponibilizadas em publicações e por outros empreendedores de negócios semelhantes. Todas as entrevistadas citaram a busca por essas informações por meio de cursos realizados na área em que atuam:

Daí depois eu me profissionalizei né nessa área, fazendo curso e coisa né, eu fui aprender também, estudar o científico da planta, porque o conhecimento, a prática popular a gente já tinha, mas a gente precisava entender melhor né como que funciona e de que maneira, de que jeito, foi o que eu fui estudar. (Entrevistada 1)

Foi um curso que a gente fez com a extensionista da EPAGRI, daí eu sempre sonhava de fazer um curso porque aqui a área de terra é pequena né, e eu pensava, com o tempo nós vamos ter que vender, porque não tem como sobreviver aqui nessa área de terra. Daí eu pensava, escutava na rádio que tinha os cursos né [...] EPAGRI pra ver se eles dão curso aqui pra nossa comunidade, pra nós mulheres. (Entrevistada 2)

A Entrevistada 3 fez cursos na área de Panificados ofertados pela Prefeitura Municipal de Chapecó, e a Entrevistada 5 também fez cursos nessa área, porém no SENAI. A Entrevistada 6 cursou o Técnico em Administração e também se qualificou com cursos de produção de embutidos. Já a entrevistada 4 fez cursos do SEBRAE voltados para a área de gestão do empreendimento, além de cursos na área de horticultura e fruticultura. Segundo Bohnemberger e Schimidt (2008) e Borges, Guedes e Castro (2015), os produtores rurais estão aderindo a novas formas de aprendizado e capacitação, que permitem com que eles se desenvolvam constantemente e se transformem em verdadeiros empreendedores rurais.

De acordo com o Pessoa (2014), é necessário conhecer muito bem o ramo de atuação, ou seja, é preciso conhecer algumas informações importantes sobre o ramo de atividade em que se deseja atuar. As entrevistadas 1, 5 e 6 carregam esse conhecimento sobre a atividade desde pequenas, visto que o negócio já iniciou com os próprios pais e familiares. Já a Entrevistada 3 antes de ter o próprio negócio, trabalhou mais de 10 anos como



RELISE

209

funcionária. Para Dornelas (2005), esse conhecimento leva tempo e requer experiência, o que não houve por parte das entrevistadas 2 e 4 pois não conheciam a área em que começaram a atuar.

Para Pimentel (2008, p.15), a raiva não é uma característica essencialmente má. “Devemos canalizar a raiva para alguma atividade, e mais ainda, na vontade de realizar. Quando você canaliza a energia da raiva impulsiona as ações necessárias e toma as decisões acertadas”, de forma adiantada. Isso caracteriza uma pessoa agressiva com relação aos negócios. Já o indivíduo corajoso, é aquele que não tem medo e vai mais além (PIMENTEL, 2008).

(...) o marido me acompanhou bastante. Só ele tinha mais a ideia negativa nos investimentos que tinha medo de gastar, eu já tava segura né, já tava mais segura nos negócio pra fazer a dívida e tal, ainda deixemo de ganhar muito por causa que ele tinha medo de fazer dívida. Financiamo agora esses últimos anos né. (...) eu procurei aqui as vizinhas todas ninguém teve coragem de se associar comigo. (Entrevistada 2)

Eu trabalhava três, três anos e meio trabalhava fora também e trabalhava em casa. Eu trabalhava com vendas né, daí depois eu resolvi sair e daí só fiquei em casa. Mas eu nunca deixei de trabalhar tipo em casa, sempre estive ali nunca pensei em sair, sempre em voltar sabe. (Entrevistada 5)

Robbins (2000) ressalta que o empreendedor, em função dos seus traços de personalidade, tem confiança em que a oportunidade poderá ser aproveitada. Ainda, para fazer sua iniciativa dar certo, ele não teme sua segurança financeira, suas relações familiares, oportunidades de carreira ou bem-estar psíquico. Pode-se dizer então que as Entrevistadas 2, 3, 4 e 5 são ambiciosas no sentido de querer conquistar algo, e corajosas, pois não tiveram medo de seguir em frente com suas decisões. A Entrevistada 6 também mostra ser uma pessoa corajosa, pois mesmo com outras empresas e outros moradores da comunidade trabalhando no mesmo ramo que o seu, ela não tem receio da concorrência vizinha.



RELISE

210

Ser persistente de acordo com Oliveira, Silva e Araújo (2014) é “enfrentar os desafios das mais variadas formas e quantas vezes forem necessárias para superar os obstáculos”.

No começo não foi fácil, a gente na verdade tirava de outros lugares pra por aqui entendeu. Nós tinha o aviário, daí de lá saia pra ajudar pagar aqui né, mas foi difícil....., a gente conseguiu né. (Entrevistada 6)

Foi bem difícil no começo, até porque a gente não tinha muito conhecimento, daí muita coisa se perdia. Mas a gente foi aprendendo, aprendendo em cada colheita que a gente fazia, mas não foi fácil, mas a gente conseguiu aprender e hoje tamo se virando com isso. (Entrevistada 4)

Nesse sentido, é importante destacar que muitas vezes algumas pessoas atribuem o sucesso financeiro dos outros a sorte, a herança ou a protecionismo, e até mesmo a atividades ilícitas (DOLABELA, 2008) sem levar em consideração que por trás do sucesso, houve todo um trabalho para isso acontecer.

O indivíduo que busca/aproveita oportunidades, é aquele que de fato se beneficia com as oportunidades que aparecem (OLIVEIRA; SILVA, ARAÚJO, 2014).

A gente fez através da Pastoral e eles mandavam a gente pra tanto lugar. A gente ia né, tinha a oportunidade de frequentar, de participar.

Já a Entrevistada 2 menciona em dois momentos as oportunidades que obteve, e mostra um dos fatores pouco considerados na gestão das propriedades rurais, porém que possui grande importância; a diversificação da propriedade (BREITENBACH, 2014):

Daí quando tinha os panificados um dos veterinários veio aqui e ele falou: já que vocês têm os panificados vocês vão precisar de muitos ovos né, vamo ponha um aviário? Pequeno, vamo começa pequeno, 10 metros acho 12, não sei. A ideia dos ovos foi ali, (...) eu deixei a padaria, mas continuei vende ali pra eles os ovos, e vende na feira. (Entrevistada 2)

É a gente na verdade tinha os vizinhos aqui, já vendia, já produzia então. Aí tinha um outro vizinho também, que já tinha começado a



RELISE

211

fazer né, aí a gente via que tinha procura digamos assim né, ai que surgiu a ideia. (Entrevistada 6)

A Entrevistada 5 registra a oportunidade que receberam para participar das compras diretas do Governo Federal e a Entrevistada 4 destaca como foi importante o convite para participar das feiras da cidade, pois hoje é dali que a família tira seu sustento.

Quando o empreendedor corre riscos calculados e os gerencia, ele analisa e questiona as possibilidades, mantendo o controle da situação para diminuir os riscos. Também, se envolve em situações de riscos moderados (OLIVEIRA; SILVA, ARAÚJO, 2014). Essa característica não pode ser observada em nenhuma das entrevistadas.

Ser uma pessoa criativa é um grande diferencial no mundo moderno. Segundo Pessoa (2014), a “criatividade é um ato deliberado de alguém que criou uma solução para um problema antigo ou um novo conceito para um serviço ou produto potencialmente útil, ou seja, alguém que desenvolveu habilidades criativas necessárias à mudança de conceitos e percepções”. Leite (2012) destaca que o oposto de criatividade é rigidez, e os empreendedores não são rígidos com relação ao pensamento, ao contrário, eles sempre buscam desenvolver qualquer atividade, da maneira mais eficiente e eficaz possível.

A Entrevistada 2 apresenta essa característica por meio de uma mudança que realizou no processo de produção, onde substituiu a eletricidade pela caldeira a lenha, diminuindo os custos. Já a Entrevistada 5 menciona que na propriedade onde mora, a matéria prima utilizada na produção que pode ser plantada, é cultivada na própria propriedade, pois existe um grande espaço de terra para isso.

A inovação também é uma característica empreendedora. De acordo com o Leite (2012), os inovadores identificam necessidades e encontram



RELISE

oportunidades. Eles percebem o que as pessoas procuram e encontram maneiras de oferecer isso.

Eu tô tendo ideias, esse crescimento tá acontecendo eu acho então, a gente tem novos itens, a gente amplio lá em casa. Tipo começou a vender fora, aumentou. Tipo as vezes, o pai e a mãe não tinham nem o produto até as 10 horas, daí agora a gente tem produto até meio dia né. (Entrevistada 5)

Quanto mais eu faço, mais eu quero fazer, mas nada sempre iguala a fulano, iguala a outra pessoa. Eu tenho que me levantar sozinha né, então eu sempre tento fazer algo novo, alguma receita nova, pra ver se tem procura e pra ver se o pessoal gosta e compra mais daí. (Entrevistada 3)

A Independência representa a busca pela autonomia sobre normas e controle de outros e a sustentação do seu ponto de vista, mesmo diante de resultados adversos (OLIVEIRA; SILVA, ARAÚJO, 2014). Os empreendedores querem ser donos do seu próprio destino, e estar à frente das mudanças (DORNELAS, 2005). Além disso, ser independente significa não depender de ninguém. Essa condição pode ser observada nas evidências abaixo:

A mãe ela trabalhava fora já e daí a mãe sempre trabalho na roça, tipo assim eu com oito ano já tirava leite né, tinha que me virar, porque a minha mãe trabalhava fora. (Entrevistada 5)

Lá em casa se precisar eu me viro sozinha, sei fazer tudo, planta, aduba, colhe, embala. Aqui na feira também, eu tinha medo de vim sozinha, hoje é bem tranquilo pra mim, sei fazer tudo. (Entrevistada 4)

Com relação à necessidade de realização, refere-se à necessidade de fazer coisas novas e pôr em prática ideias próprias. São pessoas que fazem com que as coisas aconteçam (DEGEN, 2009).

Isso que é muito gratificante né, eu tô fazendo uma coisa que sempre fiz, adoro fazer e pra mim isso é mais importante né, isso é muito, muito gratificante, então eu me sinto uma pessoa bem realizada, porque eu sempre defendi muito isso e lutei muito com isso e hoje eu posso dizer que eu tenho esse espaço [...], como que a gente não vai se sentir realizada né, era um sonho que a gente sempre queria pra organizar isso e hoje tamo né. Porque hoje nossa associação é respeitada né, porque é uma associação que tem um coletivo, tem o apoio e a força de toda a população aqui ao redor tudo né, que incentiva esse trabalho que nós viemo fazendo e beneficia quantas



RELISE

213

pessoas, quanta gente né. Então é a gente que tá na frente disso e a gente ta realizada, graças a Deus. (Entrevistada 1).

A habilidade para relações interpessoais refere-se à capacidade de lidar com as pessoas e é perceptível pelo fato de todas as entrevistadas trabalharem na feira com atendimento ao público, e foi possível observar nas evidências das entrevistadas 3, 4 e 5, pois ao mesmo tempo em que respondiam os questionamentos, não deixavam de atender o público. Essa habilidade vem de encontro a outro aspecto importante para os empreendedores que é estabelecer uma boa relação de contatos. De acordo com Oliveira, Silva e Araújo (2014), se refere à utilização de pessoas chave para alcançar os próprios objetivos e se relaciona com o desenvolvimento e a sustentação de relações comerciais. As entrevistadas destacam a importância de alguns dos seus contatos conforme abaixo:

Eu compro farinha de massa fresca, tenho que pedir um favor pra uma mulher de um mercado, muito conhecida nossa, que sempre ajudou o pai ali, pra ela pega farinha pra mim, no nome dela. (...) A rotulagem também, foi bem difícil quando a gente começou, mas só que daí a Engenheira de Alimentos da EPAGRI, ela sempre ajuda bastante a gente, questão de informação e informação nutricional e como funciona. (Entrevistada 5).

Aí depois a gente continuou com a APACO, é uma associação dos pequenos agricultores de Chapecó e da Região, né que a gente até hoje ainda tem, tem contador, tem a Engenheira de alimentos, tem o Engenheiro Agrônomo que dá o auxílio pra gente né. Tem um pequeno custo, mas daí divide o custo né entre os agricultores. Tem a EPAGRI que também ajudou bastante com projetos, SC Rural que a gente fez, [...]. Prefeitura mais com as feiras que no início foi muito importante, que foi a prefeitura que comprou, fez o ponto pra gente poder vender! (Entrevistada 6).

É possível identificar a boa relação de contatos da Entrevistada 1, pelo fato da mesma ser uma pessoa influente na própria comunidade e na Prefeitura Municipal. Portanto, como destaca Breitenbach (2014), a agricultura não trabalha de forma isolada, logo exige do gestor rural maior habilidade para pesquisar, negociar e comparar preços e opções de mercado, “adotar



RELISE

214

estratégias que aumentem seu poder de negociação frente aos demais agentes, buscar cooperação quando necessário, se capacitar, buscar as informações e capacitações.”

Quanto ao indicador Liderança/Saber lidar com as pessoas “os empreendedores têm um senso de liderança incomum. E são respeitados e adorados por seus funcionários, pois sabem valorizá-los, estimulá-los e recompensá-los, formando um time em torno de si” (DORNELAS, 2005, p. 34). Além disso, reconhecem que precisam de uma equipe competente para conquistar o êxito e o sucesso e conseguem recrutar ótimos profissionais para auxiliá-los nas áreas em que não possuem tanto conhecimento. Esse aspecto é perceptível na Entrevistada 1, visto que ela é Coordenadora de uma Associação em parceria com mulheres, que veem de vários lugares pra conhecer e aprender com ela. A Entrevistada dá palestras e cursos para essas mulheres que são da própria comunidade ou também de outras comunidades. A Entrevistada 2 também demonstra esse traço quando menciona sobre a ocasião onde teve que arrumar 12 mulheres para que a EPAGRI viesse ministrar cursos gratuitos para a comunidade.

A autocrítica e a capacidade de aprendizagem, dizem respeito à habilidade do indivíduo em analisar seu próprio comportamento, verificando os pontos fortes e pontos fracos para melhorar e manter o que precisa, e constatando de que forma ele pode aprender com essas experiências (MARQUES, 2017). Não foi possível observar essa característica em nenhuma das entrevistadas.

Quando o indivíduo possui iniciativa, significa que ele já realiza coisas antes mesmo de ser requerido, ou ser submetido às circunstâncias. Do mesmo modo, ele amplia os negócios para novos campos de atuação (OLIVEIRA; SILVA, ARAÚJO, 2014).



RELISE

215

Me deram carona e eu pensei é hoje que eu vou pedi pra essa mulher quando que, se ela dá curso de qualquer tipo daí eu falei, falei com ela, ela já marcou, ela só me deu o telefone”. (...) Sempre, sempre tive trabalho. Por causa que aqui sempre tem né, o que fazer não falta. E uma que se a gente tem boa vontade, um trabalho sempre aparece. (Entrevistada 2)

Porém, pode-se dizer que todas elas possuíram iniciativa quando começaram ou deram andamento aos negócios. Já a Originalidade, tem a ver com algo que não foi copiado e pode ser identificada na evidência abaixo.

Eu mesmo aprendi com a minha família, com a minha tia e sempre vi neles né que faziam isso, e eu gosto e faço também, continuei fazendo muito isso né, mas não assim dizer eu vou fazer igual o fulano lá e tal, não! (Entrevistada 1)

A autoconfiança diz respeito à confiança em sua própria competência (OLIVEIRA; SILVA, ARAÚJO, 2014), já o otimismo leva o indivíduo a enxergar o sucesso, ao invés de imaginar o fracasso (DORNELAS, 2005). A Entrevistada 2 foi a única a manifestar essas qualidades:

E ele achou que o meu sonho tava muito alto já e eu disse não, vamo sim vai dá certo. Já deu certo no começo, que eu sofri muito no começo mas não desanimei, pois vim pra cá, já deu mais certo ainda, daí voltei pra casa, deu certo também, graças a deus deu tudo, tudo certo. (Entrevistada 2)

Com relação ao comprometimento, Oliveira, Silva e Araújo (2014, p. 110) definem como a qualidade presente na pessoa que “sacrifica-se e faz qualquer esforço para completar uma tarefa; está sempre colaborando com os empregados para que o trabalho seja terminado e faz qualquer coisa para manter o cliente.” Já Dornelas (2005) distingue esse comportamento como dedicação, e caracteriza o empreendedor como uma pessoa exemplar, incansável e doente pelo trabalho, e que mesmo diante de adversidades, encontra forças para prosseguir. De acordo com Degen (2009), quem trabalha muitas horas, geralmente sacrifica aspectos da sua vida, como o lazer e a família.



RELISE

216

Na verdade eu comecei fazendo isso assim pela comunidade né, eu fui escolhida pra ser representante de agente comunitária e depois a gente criou a pastoral da saúde, daí ficou na pastoral, sempre trabalhando voluntária. Aí passou muitos anos assim, daí depois que a gente começou mais se reunir, fazer esses coletivo, trabalhar junto, mas a gente nunca teve assim, dizer, tá ganhando um salário pra fazer isso né (Entrevistada 1)

A gente trabalha a semana inteira e no sábado tem que ir para feira né. De 4 e pouco da manhã a uma hora da tarde, isso também é uma coisa que às vezes judia um pouco, que tu nunca tem um sábado para tu descansar né, então é praticamente um dia que tu trabalha. Não, não tu trabalha no sábado mais de horas, às vezes mais do que um dia de semana, a mais do que tu já trabalhou a semana inteira né, daí durante a semana tem feira daí tem que ir um fazer a feira então é puxado. (Entrevistada 6).

Por meio do seu capital intelectual, os empreendedores criam valor para a sociedade, mediante a geração de empregos e impulsionando a economia e a inovação. Eles utilizam sua criatividade na busca de soluções que possam melhorar a vida da população (DORNELAS, 2005). As Entrevistadas 1 e 2 tiveram um papel muito importante nas suas comunidades segundo evidências:

Inclusive hoje que a gente tava no final de umas etapa dos curso que eu dô, elas falaram tanta coisa que se você imaginasse o que elas disseram isso incentiva assim, [...] de trazer mensagem, gratidão, trouxeram presente, aquelas flores, aquelas coisa, tudo assim agradecendo muito. (Entrevistada 1)

Ela disse me ligue o dia que você arruma doze mulheres que já vamo dá o curso, mas eu no segundo dia já tinha arrumado as mulheres e fizemo o curso de graça. (Entrevistada 2).

Isso mostra que além de serem agentes econômicos que ajudam na renda das suas famílias, essas mulheres foram e são importantes para o desenvolvimento das suas comunidades.

Quando o sujeito é exigente quanto à qualidade e eficiência é possível afirmar que ele “procura novas formas de fazer melhor as coisas, de fazer mais rápido ou mais barato; faz as coisas de forma que supere os padrões de



RELISE

217

excelência e assegura que o seu trabalho será feito no tempo e com a qualidade combinados” (OLIVEIRA; SILVA, ARAÚJO, 2014, p. 110).

Produzir ou você amplia ou você ganha pela quantidade ou pela qualidade, só que daí a gente não consegue ganhar muito a mais por ter uma qualidade diferente, por ser artesanal entendeu. (Entrevistada 6)

Na verdade, a gente sempre se preocupa com a qualidade e com o conforto dos cliente né. Inclusive foi por isso que começamos também a embalar alguns dos produtos nas embalagem certa. (Entrevistada 4)

A habilidade para negociação corresponde à capacidade de persuadir os outros com argumentos sobre uma determinada ideia e é adquirida por meio da experiência (CARMO, 2011). A Entrevistada 6 apresenta esse comportamento, pois expõe que na feira, ela consegue aumentar um pouco o valor dos produtos, sem diminuir a clientela. As demais entrevistadas não demonstraram ter essas habilidades. A Entrevista 5 possui um fornecedor de outro estado, e admite que não consegue negociar diretamente com ele, sendo que um mercado de amigos da própria comunidade, acabam intervindo na compra para que ela possa adquirir o produto. Logo, a capacitação em gestão e uma maior presença de instituições (universidades e prefeitura) possibilitaria um melhor desenvolvimento de seus empreendimentos.

Quanto a orientação para resultado, por meio do estabelecimento de metas e objetivos, Oliveira, Silva e Araújo (2014, p. 110) explicam que “os objetivos e metas são desafiantes e têm um significado pessoal; as metas são claras, objetivas e definidas no longo prazo e as metas de curto prazo são mensuráveis”.

Porque a gente se tivesse um recurso pra investir mais em máquinas assim, maquinários né, na queijaria, a gente podia produzir bem mais há anos atrás né. Hoje tem, tamo investindo ainda. (Entrevistada 2)

[...] é uma pratica e o resultado que isso traz pra gente que incentiva, que faz a gente ficar cada vez mais atuante e participar assim, praticar essa aprendizagem mesmo, ponha em pratica aquilo que a



RELISE

218

gente vê que tá dando certo né, cada vez é melhor né. (Entrevistada 1)

Ser paciente é compreender que tudo na vida leva tempo. Sendo assim, a paciência é um elevado grau de sabedoria (PIMENTEL, 2008).

Tem a parte boa, que nem no inverno, a gente ganha porque vende mais ovos, mais queijo, mais ricota, tudo, tudo no inverno. Daí eu sentei expliquei pra filha vai ser assim, você não pode desanimar no verão que vai dar um pouco menos, o lucro vai ser menor, mas agora no inverno ele dobra, daí ela viu né que ela também não voltaria mais de empregada. (Entrevistada 2)

Olha vou te falar a verdade, tem horas que eu tenho vontade de ser funcionária, porque junto com a realização profissional, com os elogios, com as coisas, vem um monte de trabalho, é um trabalho bem diferente tipo assim, tu não tem horário, você não tem Sábado, você não tem Domingo, você tem que tolerar muita coisa, mas mesmo assim eu prefiro trabalhar pra mim. (Entrevistada 5)

Quando um sujeito possui diversas habilidades e realiza várias coisas ao mesmo tempo, pode se dizer que ele é polivalente, ou seja, é um profissional multitarefa. Todas as Entrevistadas são polivalentes, pois todas elas trabalham na produção e no gerenciamento dos seus negócios, além de comercializar os produtos nas feiras da cidade.

Para Dornelas (2005), os empreendedores de sucesso planejam o seu negócio etapa por etapa, com o suporte da visão aguçada que possuem. Oliveira, Silva e Araújo (2014) explicam que por meio do planejamento e do monitoramento sistemático as grandes tarefas são divididas em subtarefas com prazos determinados. Já na tomada de decisões, os registros financeiros servem de apoio e os seus projetos sempre são revisados, considerando os vários fatores que possam influenciar. Os trechos abaixo demonstram planejamento e monitoramento por parte de duas entrevistadas:

E eu pensava com o tempo nós vamo te que vende, porque não tem como sobrevive aqui nessa área de terra. (Entrevistada 2).

Eu tô tendo ideias, esse crescimento tá acontecendo. (Entrevistada 5).



RELISE

219

Ser flexível, de acordo com o Breitenbach (2014), é “controlar seus impulsos para ajustar-se quando a situação demandar mudanças, e estar aberto para estudar e aprender sempre.” A Entrevistada 2 manifesta esse comportamento quando revela que saiu de um negócio e veio para sua propriedade e construiu com a cunhada um novo negócio, mas depois vendeu a sua parte para construir novamente o negócio que ela tem hoje. Em compensação a Entrevistada 5 não parece ser muito flexível com relação ao crescimento do negócio:

[...] a gente trabalha com a agricultura familiar, [...] eu não tenho CNPJ, eu tenho a CEI tipo pra mim comprar é diferente, eu não consigo as vezes comprar num preço bom porque eu não tenho CNPJ, porque se eu fizer um CNPJ eu saio da Agricultura familiar entende. Funcionário pra mim também é mais difícil [...]. E daí assim é bem difícil se enquadrar se tu não sair dessa linha da agricultura familiar e você ter um crescimento. Nós tamo conseguindo e a gente continua na agricultura familiar. (Entrevistada 5).

Administrar o tempo é a habilidade de gerenciar o tempo. Para gerenciar o tempo é necessário saber exatamente o que deve ser feito, e o prazo de realização das atividades. Assim, as atividades, os métodos utilizados, e as pessoas que irão desempenhar essas atividades, serão controladas (PERIARD, 2010). Também pode-se dizer que todas as Entrevistadas apresentam essa característica, pois além de todo o trabalho que realizam em seus negócios, elas ainda conciliam casa e família, conforme relatado.

As Entrevistadas 1, 2 e 5 foram capazes de obter e organizar os recursos necessários, ou seja, elas sabem como obter e destinar de forma racional, todos os recursos necessários no negócio, buscando sempre o melhor desempenho:

Tem funcionários tem, mas é bem difícil de achar né, as vezes tu acha por dia e coisa, daí tu corre sempre um risco né (..), tudo bem que hoje a gente só trabalhou com gente muito boa, pessoas corretas né, mas é um risco que tu corre né. (Entrevistada 5)



RELISE

220

Tinha uma casinha lá de verde, arrumamo um pouquinho, já ponhamo um forno elétrico, daí depois logo depois, compramo a máquina de fazer massa e foi indo. [...] O marido disse, vamo vender as vaca e eu disse não, vamo vende a parte da padaria e vamo construí aqui em casa eu disse. (Entrevistada 2)

Segundo Degen (1989), grande parte dos negócios bem-sucedidos, foram originados por indivíduos com poucos recursos, que tiveram de batalhar muito para consegui-los. Para ele, a facilidade cria excesso de otimismo.

O Comportamento ético é uma característica fundamental nos seres humanos. De acordo com Puhl (2014), a ética diz respeito ao código de princípios e valores morais que norteiam o comportamento de uma pessoa ou mesmo de um grupo. Para Dornelas (2005), devido a sua grande influência na economia e na sociedade, os empreendedores devem ser guiados por esses princípios e valores, principalmente por meio do comprometimento com o meio ambiente e com a comunidade, ou seja, devem dispor de consciência social. Não foi possível dizer que as Entrevistadas não possuem comportamento ético ou que possuem, porém ficou exposto em dois discursos, exemplos de comportamento ético por parte das Entrevistadas. A Entrevistada 5 relata que teve que contratar o trabalho de um Contador em função de ter uma menina trabalhando com ela que possui carteira assinada, ou seja, ela admite os funcionários de acordo com a Lei. A Entrevistada 2 relata que ao deixar de trabalhar com a primeira mulher, a entrevistada deixou a mesma com a freguesia que ela já tinha, pois não achava certo tirar as freguesas da antiga sócia.

Características motivacionais e contingenciais para a ação empreendedora

A Entrevistada 1 relata que se inspira em várias pessoas, como amigos, conhecidos, companheiras de luta, como ela mesmo menciona, mas principalmente na própria família que foi quem lhe passou grande parte dos



RELISE

221

ensinamentos aprendidos. A Entrevistada 2 conta como é afetuoso o relacionamento com os colegas de feira, e diz que sua inspiração vem de lá, pois para ela são todos como se fossem da mesma família. Para a Entrevistada 6 a agroindústria que fica próximo à propriedade serve como inspiração, visto que foi dali que partiu a ideia do negócio. Por outro lado, a Entrevistada 3 diz se inspirar nela mesmo, pois ela não tem a quem recorrer nas horas de dificuldade, e as Entrevistadas 4 e 5 revelam que não se inspiram em ninguém em específico.

Quanto à realização por meio do negócio, todas as Entrevistadas se sentem pessoas realizadas com os frutos dos seus trabalhos. De acordo com Dolabela (2008, p. 24), “por ser a exteriorização do que se passa no âmago de uma pessoa, e por receber o empreendedor com todas as suas características pessoais, a atividade empreendedora faz com que trabalho e prazer andem juntos.”

[...] é muito gratificante né, e eu tô fazendo uma coisa que sempre fiz, adoro fazer e pra mim isso é mais importante né. Isso é muito, muito gratificante, então eu me sinto uma pessoa bem realizada, porque eu sempre defendi muito isso e lutei muito com isso [...] era um sonho que a gente sempre queria pra organizar isso e hoje nossa associação é respeitada né, porque é uma associação que tem um coletivo, tem o apoio e a força de toda a população aqui ao redor tudo né, que incentiva esse trabalho que nós viemos fazendo e beneficia quantas pessoas, quanta gente né. (Entrevistada 1)

A Entrevistada 3 expressa o orgulho que sente em sustentar a casa e ajudar as filhas por meio da sua atividade, e a Entrevistada 6 relata como o negócio foi importante para manter a família perto e unida, o que vem de acordo com as ideias de Spanevello, Matte e Boscardin (2016). onde no empreendimento o bem estar familiar como um todo é priorizado sobre o bem estar pessoal. Já a Entrevistada 5 comenta que junto com a realização pessoal e profissional vem um monte de trabalho, e que por isso os horários de trabalho são maiores que o normal, mas de qualquer forma ela prefere trabalhar por



RELISE

222

conta própria, assim como todas as outras, e a Entrevistada 4 diz ser uma pessoa realizada pela família e por tudo que conseguiu construir durante a vida.

Quando o indivíduo gosta do que faz, ele se dedica mais e procura se atualizar sempre. Para Oliveira, Silva e Araújo (2014), ao terem paixão pelo seu trabalho, as empreendedoras contribuem para o desenvolvimento do seu negócio.

Questionadas sobre o incentivo do Setor Público na causa rural, todas elas destacaram a importância que o setor teve na abertura ou andamento do negócio (Quadro 3).

Quadro 3: Incentivos recebidos mencionados pelas entrevistadas.

Entrevistada	Incentivos Recebidos
1	Investimento Governo Estadual, premiação Governo Federal
2	Investimento Prefeitura Municipal e Governo Estadual (SC Rural), Cursos EPAGRI
3	Prefeitura Municipal (Ponto de Feira)
4	Investimento Governo Estadual (SC Rural), Prefeitura Municipal (Pontos de Feira)
5	Investimento Governo Estadual (SC Rural) e Governo Federal (PRONAF), Ajuda de Profissionais da EPAGRI
6	Investimento Governo Estadual (SC Rural) e Governo Federal, Ajuda de Profissionais da EPAGRI, Cursos EPAGRI

Fonte: Elaborado pelos autores.

Por meio dessas dificuldades relatadas pelas entrevistadas, é possível perceber que houve uma mudança no pensamento do produtor rural, que segundo Lazzarotto e Fioravanzo (2012), há certo tempo não se dedicava tanto aos negócios, era incapacitado e indiferente quanto ao sucesso das suas atividades. Hoje, essa concepção mudou, e o produtor se interessa cada vez mais no que se refere a conseguir maiores lucros. Os obstáculos enfrentados pelas entrevistadas são os mais diversos possíveis (Quadro 4).



RELISE

223

Quadro 4: Obstáculos descritos pelas entrevistadas.

Entrevistadas	Obstáculos Enfrentados
1	Recurso escasso, poucos investimentos liberados para a área de atuação, fazer com que as pessoas entendam a importância dos medicamentos naturais, perigo de contaminação de agrotóxicos utilizados em outras propriedades
2	Falta de recursos para fazer investimentos no início do negócio
3	Realizar pesquisas de preço, fornecedores só venderem a vista
4	Dificuldade em conscientizar o público alvo quanto ao consumo de alimentos orgânicos, sazonalidade, alto custo de produção, pouca mão de obra.
5	Distância da propriedade dificulta a contratação de funcionários, não possuir CNPJ
6	Oscilação do preço do suíno, lucro pequeno, grande concorrência

Fonte: Elaborado pelos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa proporcionou um maior entendimento sobre os fatores que motivam as mulheres a exercerem atividades produtivas no meio rural na cidade de Chapecó, considerando que não há trabalhos publicados, que se tenha conhecimento, abrangendo esse tema, tampouco estudos relacionados com as características empreendedoras dessas mulheres.

Estudos sobre os fatores motivacionais e contingências que levam as mulheres a permanecerem e evoluir o processo produtivo no meio rural relacionados à temática empreendedorismo, ainda apresenta muito limitado. Esse fato é evidenciado quando observado o baixo número de publicações encontradas acerca do tema. Porém, é fato que a sociedade atual presencia um cenário de grandes transformações que modificam a vida das pessoas e das organizações, e que atingem o sistema econômico e social. Dentre essas mudanças, destaca-se o aumento da ocupação feminina em atividades e setores até então considerados “espaços” masculinos.

As atividades realizadas no meio rural pelas mulheres são as mais diversas possíveis, com destaque para a produção de panificados, queijos e ovos, embutidos de suínos, plantas medicinais e produção de frutas, verduras e legumes. Por desempenhar tantas atividades no seu dia a dia, as entrevistadas



RELISE

224

podem ser consideradas, camponesas polivalentes, visto que se envolvem desde a produção, comercialização e na própria gestão do negócio. Negócios esses que possuem mais de 16 anos no mercado, e que foram constituídos principalmente por recursos próprios.

No que diz respeito aos fatores que motivam essas mulheres a desempenharem suas atividades produtivas no campo, evidenciou-se que as questões familiares como casamento, herança e afinidade com a atividade são questões que são levadas em consideração no momento de assumirem responsabilidades nas empresas rurais. Fatores como complementação de renda na família e transferência de conhecimento também são considerados como motivacionais, uma vez que dão às mulheres um “ar” de independência econômica, o que – na visão das entrevistadas – as torna mais mulheres.

Esse grupo de mulheres que desenvolvem atividades produtivas no meio rural apresenta várias características empreendedoras. Algumas delas manifestaram esses traços mais do que as outras. A Entrevistada 2 foi a que mais apresentou características empreendedoras identificadas durante a entrevista, já a entrevistada 3 foi a que menos manifestou essas características.

Com relação às características, as que mais sobressaíram nas entrevistadas foram: desenvolver habilidades/buscar informações, possuir ambição, ter persistência, buscar/aproveitar oportunidades, ser independente, estabelecer uma boa relação de contatos e por fim ser comprometida. Características como: possuir autocrítica e capacidade de aprendizagem, correr riscos calculados e gerenciar riscos, são características não identificadas em nenhuma das entrevistadas.

Por meio da análise dos motivos que levaram essas mulheres a desenvolverem atividades no meio rural, foi possível compreender que, muito embora cada história seja única, existem vários pontos em comum entre as



RELISE

225

mulheres, principalmente a vontade de melhorar de vida com seu próprio trabalho. Outro ponto que merece destaque é a satisfação e a realização que todas expressaram durante a entrevista, fruto de muito trabalho e dedicação.

Estudos futuros podem considerar a realização da pesquisa em outras cidades ou regiões do país, a fim de ampliar os resultados desse estudo, tanto no que diz respeito aos fatores que motivam as mulheres a desenvolverem as atividades no meio rural, quanto a questões relacionados com o empreendedorismo nesse ambiente. Recomenda-se ainda aumentar o número de entrevistas, para observar se as características empreendedoras realmente se apresentam no gênero feminino que atua em atividades ligadas ao meio rural.

A contribuição da pesquisa para a formação de políticas públicas reside na necessidade de elaboração de programas que estimulem a fixação das mulheres no meio rural, dando a elas possibilidade de desenvolver suas atividades e obterem retorno financeiro pela sua ação. Uma contribuição para o ambiente gerencial está na tentativa de adaptação do “modo” de gestão feminino a um ambiente que historicamente foi gerido pelo gênero masculino.

REFERÊNCIAS

ALPERSTEDT, G. D.; FERREIRA, J. B.; SERAFIM, M. C. Empreendedorismo feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida. **Revista Ciências da Administração**. Florianópolis, v. 16, n. 40, p. 221-234, dez. 2014.

APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da ciência**: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

ARNOLD, G. Empreendedorismo rural: Um estudo sobre a inserção do técnico em agropecuária, egresso do IFRS - Campus Sertão. 2011. 109 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em:



RELISE

226

<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9995/1/2011_GladomirArnold.pdf>.
Acesso em: 10 fev. 2017.

BARBOSA, F. C. et al. Empreendedorismo feminino e estilo de gestão feminina: estudo de casos múltiplos com empreendedoras na cidade de Aracaju – Sergipe. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, Campo Limpo Paulista, v. 5, n. 2, p. 124-141, mai./ago. 2011.

BERNHOEFT, R. **Como tornar-se empreendedor (em qualquer idade):** depoimento do comandante Rolim da TAM e outros cases, ou melhor, causos de sucesso de empresários brasileiros. São Paulo: Nobel, 1996.

BOHNEMBERGER, M. C.; SCHIMIDT, S. A efetividade das ações para promover o empreendedorismo: O caso da FEEVALE. **READ – Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, jan./abr. 2008.

BORGES, M. S.; GUEDES, C. A. M.; CASTRO, M. C. D. E. A gestão do empreendimento rural: um estudo a partir de um programa de transferência de tecnologia para pequenos produtores. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, v. 17, n. 43, p. 141-156, dez. 2015.

BORGES, R. C. de O.; BARROSO, M. H. G.; MOREIRA, C. A. Gênero e Gestão Empreendedora: perfil feminino em micro e pequenos negócios em Messejana-Ceará. **Faculdade Cearense em Revista**, Fortaleza, vol. 5, n. 1, p. 1-15, 2012.

BUTTO, A.; DANTAS, I.; HORA, K. As mulheres nas estatísticas agropecuárias: experiências em países do Sul. Brasília: **Ministério do Desenvolvimento Agrário**, 2012.

BREITENBACH, R. Gestão rural no contexto do agronegócio: desafios e limitações. **Revista Desafio Online**, Campo Grande, v. 2, n. 2, mai./ago. 2014.

CARMO, C. T. do. **Empreendedorismo: Curso Técnico em Informática**. Colatina: CEAD / Ifes, 2011.

CNA - **Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil**. Disponível em: <<http://www.cnabrasil.org.br>>. Acesso em: 23 fev. 2017. (2016)



RELISE

227

CARREIRA, S. da S. et al. Empreendedorismo feminino: um estudo fenomenológico. NAVUS - **Revista de Gestão e Tecnologia**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 06-13, abr./jun. 2015.

CATARINA, I; BASTIANI, R. Empreendedorismo no contexto do novo rural brasileiro e mercado de trabalho para profissionais em ciências agrárias. **ANAIS DO II EGEPE**, p. 394-410, Londrina/PR, novembro/2001 (ISSN 1518-4382).

DALCIN, D.; OLIVEIRA, S. V. de; TROIAN, A. Gestão rural e a tomada de decisão: estudo de caso no setor olerícola. In: **CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL**, 48., 2010, Campo Grande-MS. Anais... Campo Grande-MS: SOBER. 2010.

DEGEN, R. J. **O Empreendedor**: fundamentos da iniciativa empresarial. São Paulo: McGraw-Hill, 2009.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

FAO - **Food and agriculture organization of the United Nation** - 2010, Igualdade de gênero: garantir uma participação igual das mulheres e dos homens rurais no desenvolvimento. Disponível em: <<http://www.fao.org/3/c-i0765o/i0765pt10.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

FEPESSE – Fundação de estudos e pesquisa socioeconômicos. (Santa Catarina). Secretaria de Desenvolvimento Regional (Org.). **ECONOMIA DE SANTA CATARINA**: Análise das Características Produtivas. Disponível em: <<http://novosite.fepese.org.br/portaldeconomia-sc/index.php?c=economia>>. Acesso em: 30 set. 2016.

FRANCO, M. M. S. Empreendedorismo Feminino: características empreendedoras das mulheres na gestão das micro e pequenas empresas. In: **ENCONTRO DE ESTUDOS EM EMPREENDEDORISMO E GESTÃO EM PEQUENAS EMPRESAS, VIII**. Goiânia, 2014. Anais... Goiânia: EGEPE, 2014.



RELISE

228

GALIZONI, F. M.; RIBEIRO, E. M. Trabalho feminino na agricultura familiar do Alto Jequitinhonha, Minas Gerais. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL**. 2004.

GOMES, A. F. O perfil empreendedor de mulheres que conduzem seu próprio negócio: um estudo na cidade de Vitória da Conquista – BA. **Revista Alcance**, v. 11, n. 2, p. 207-226, 2004.

HECHAVARRIA, D. et al. High-Growth Women's Entrepreneurship: Fueling Social and Economic Development. **Journal of Small Business Management**, v. 57, n. 1, p. 5-13, 2019.

HEREDIA, B. M. A. de; CINTRÃO, R. P. Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro. **Revista NERA**, Presidente Prudente, v. 9, n.8, p. 1-28, jan./jun. 2006.

HERRERA, K. M. Uma Análise do trabalho da mulher rural através da perspectiva da multifuncionalidade agrícola. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 10, 2013.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. **Empreendedorismo**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf> Acesso em: 18 nov. 2016.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do Século XX**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/seculoxx.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Chapecó: sinopse censo demográfico** 2010. 2014b. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=420420&idtema=1&search=santa-catarina|chapeco|censo-demografico-2010:-sinopse->>> Acesso em: 01 fev. 2017.



RELISE

229

LANGBECKER, T. B.; PERLEBERG, C. S. A contribuição da mulher pecuarista como potencial ator na preservação da atividade de corte no município de Dom Pedrito-RS. **REDD–Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, v. 8, n. 2, 2014.

LAZZAROTTO, J. J.; FIORAVANÇO, J. C. Reflexões sobre a capacitação gerencial na agricultura familiar brasileira. In: **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 14, n. 1, p. 105-114, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/revistatecnologiaesociedade/rev14/r14_a8.pdf> Acesso em: 27 maio. 2017.

LEITE, E. **O fenômeno do empreendedorismo**. São Paulo: Saraiva, 2012.

LOPES, L. A. B.; NANTES, J. F. D. Capacitação e Empreendedorismo no Setor Rural. In: ZUIN, L. F. S; QUEIROZ, T. R. **Agronegócios: gestão e inovação**. São Paulo: Saraiva, 2006.

MACHADO, H. V. Identidade Empreendedora de Mulheres no Paraná. 2002. 192 f. **Tese** (Doutorado) - Curso de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/84447/183290.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

MARCONE, S. Relatório final. I fórum nacional de gênero, cooperativismo e associativismo. Igualdade de gênero: estratégia e desenvolvimento do cooperativismo e do associativismo. 1ª edição. Brasília: **MAPA/ ACS, 2009 MDA**, Portal do ministério do desenvolvimento agrário. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/cooperativismo-associativismo/arquivos-publicacoes-cooperativismo/1o-forum-nacional-de-genero-cooperativismo-e-associativismo.pdf>> Acesso em: 3 mar. 2017.

MARQUES, M. **Autocrítica** - um fator que todo empreendedor deve desenvolver. Disponível em: <<http://marcusmarques.com.br/empreendedorismo/autocritica-todo-empreendedor-deve-desenvolver>> Acesso em: 01 jun. 2017.

MARTINS, C. B. et al. Empreendedorismo Feminino: características e perfil de gestão em pequenas e médias empresas. **Revista de Administração da UFSM**, Santa Maria, v. 3, n. 2, p. 288-302, mai./ago. 2010.



RELISE

230

OLIVEIRA, J. R. C. de; SILVA, W. A. C.; ARAÚJO, E. A. T. Características comportamentais empreendedoras em proprietários de MPES longevas do Vale do Mucuri e Jequitinhonha/MG. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v.15, n. 5, p.102-139, set./out. 2014

PERFIL da mulher no agronegócio brasileiro. **Sumário Executivo**. Fase 1 – 2016. São Paulo. Dezembro de 2016.

PERIARD, G. **Como a administração do tempo pode ajudar sua empresa**. Disponível em: <<http://www.sobreadministracao.com/como-a-administracao-do-tempo-pode-ajudar-sua-empresa>>. Acesso em: 30 mai. 2017

PESSOA, C. **Criatividade, inovação e empreendedorismo**. 2014. Disponível em: <<http://www.carlospessoa.com.br/artigo/criatividade-inovacao-e-empreendedorismo>>. Acesso em: 31 mai. 2017

PIMENTEL, A. **Curso de empreendedorismo**. São Paulo: Digerati Books, 2008.

PIZAIA, J. C.; OLIVEIRA, A.P.S.; MOURA, D.A.V. O papel da mulher nos estabelecimentos de agricultura familiar na Microrregião Geográfica de Faxinal (PR). In: **IV SIES-Simpósio Internacional de Educação Sexual**. Maringá: UEM, 2015.

PUHL, P. **Comportamento ético na sociedade**. Disponível em: <<http://faculdasalle.edu.br/eticaprofessionalecidadania/comportamento-etico-na-sociedade>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

ROBBINS, S. P. **Administração: mudanças e perspectivas**. São Paulo: Saraiva, 2010.

ROSA, J. E.; MANFRI, S. H. O empreendedorismo feminino em face da atual reestruturação produtiva. **Seminário Integrado entre oficinas**, disciplinas e estágio da Faculdade de Serviço Social de Presidente Prudente, Presidente Prudente, v. 9, n. 9, p. 1-27, 2015.

SEMINÁRIO NACIONAL ESTADO E POLÍTICAS SOCIAIS NO BRASIL, 2., 2005, Cascavel. **Empreendedores rurais como gestores de negócio para o provimento do desenvolvimento agrícola**. Cascavel: Unioeste, [2005]. 12 p. Disponível em:



RELISE

231

<<http://cacphp.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario2/trabalhos/economia/meco13.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016.

SOUSA, A. M. R. et al. Empreendedorismo Feminino: análise dos desafios no gerenciamento de pequenos negócios. In: Encontro De Estudos Sobre Empreendedorismo E Gestão De Pequenas Empresas, 9., 2016, Passo Fundo. **Anais...** . [s.l]: Egepe, 2016. p. 1 - 16. Disponível em: <<http://www.egepe.org.br/2016/artigos-egepe/429.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

SOUSA JUNIOR, R. de C.; BENEVENUTO, M. A. D. R. **Economia Solidária e Gênero**: um estudo com mulheres empreendedoras. Disponível em: <http://www.brasilcooperativo.coop.br/downloads/Gecom/ebpc/II_EBPC_Junior.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2017.

SOUZA, E. C. L. de (Org.); GUIMARÃES, T. de A. (Org). **Empreendedorismo além do plano de negócio**. São Paulo: Atlas, 2005.

SPANVELLO, R. M.; MATTE, A.; BOSCARDIN, M. Crédito rural na perspectiva das mulheres trabalhadoras rurais da agricultura familiar: uma análise do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). **Polis, Revista Latino-americana**, Santiago, v. 15, n. 44, p. 393-414, 2016.

STROBINO, M. R. de C.; TEIXEIRA, R. M. Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicase no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 49, n.1, p.59-76, jan./fev./mar. 2014.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 14. ed. São Paulo: Atlas, 2013.